



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

<http://dx.doi.org/10.22351/et.v60i2.4037>

PESTE E EPIDEMIA: CONFIGURAÇÃO POÉTICA E REFLEXÃO TEOLÓGICA NO SALMO 91¹

*Pest and Epidemic:
Poetic Configuration and Theological Reflection in Psalm 91*

Matthias Grenzer²

Resumo: O estudo exegético do Salmo 91 apresentado neste artigo nasce nos dias em que a humanidade e também o povo brasileiro sofrem com o *coronavírus*. No caso, trata-se de uma oração antiga que, em forma de um poema lírico, acolhe diversos perigos capazes de ameaçar o ser humano em sua sobrevivência. Entre tais perigos figuram também a “peste” ou “pestilência” (v. 6a) e a “epidemia” (v. 6b). No entanto, o mesmo Salmo 91, ao enxergar essas realidades angustiantes, opõe-lhe três vozes: primeiro, as palavras do aflito que se mantém confiante em Deus (v. 2.9a); segundo, as afirmações de quem insiste na libertação e sobrevivência de quem adere a Deus (v. 1,3-8,9b-13); terceiro, um discurso que transmite a palavra do SENHOR DEUS (v. 14-16). Em vista disso, visa-se neste estudo ora à compreensão mais exata da configuração poética do Salmo 91, ora à reflexão teológica promovida pela oração poética. E isso justamente num momento em que a humanidade, outra vez, precisa enfrentar o perigo de uma epidemia.

Palavras-chave: Salmo 91. Epidemia. Espiritualidade bíblica.

Abstract: The exegetical study of Psalm 91 presented in this article is born in the days when humanity and also the Brazilian people suffer with the *coronavirus*. In the case, it is an old prayer that, in the form of a lyric poem, embraces several dangers able to threatening the human being in its survival. Such dangers also include “pest” or “pestilence” (v. 6a) and “epidemic” (v. 6b). However, the same Psalm 91, when facing these distressing realities, opposes to them three voices: first, the words of the afflicted person who remains confident in God (v. 2.9a); second, the statement of the one who insists on the liberation and survival of those who adhere to God (v. 1,3-8,9b-13); third, the speech that conveys the word of God, the LORD (v. 14-16). Because of this, the study presented here aims to understand more exactly the poetic configuration of Psalm 91 and the theological reflection promoted by this poetic prayer. And this precisely at a time when humanity, again, needs to face the danger of an epidemic.

Keywords: Psalm 91. Epidemic. Biblical spirituality.

¹ O artigo foi recebido em 20 de julho de 2020 e aprovado em 17 de setembro de 2020 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Doutor. PUC-SP. E-mail: mgrenzer@puccsp.br

Introdução

A *epidemia* e/ou *pandemia* do *coronavírus* devolveu à humanidade, em 2020, uma experiência que já havia sido feita. Inclusive o povo cujas palavras podem ser escutadas ou lidas na Bíblia conhecia tais perigos. De repente, sem conhecer exatamente a causa e a origem, surge um perigo que ameaça os seres humanos em sua sobrevivência. As mortes multiplicadas logo revelam que nenhuma pessoa, por conta própria, parece poder garantir sua sobrevivência. Mais ainda, percebe-se certa imobilização por causa do medo que, inevitavelmente, atinge os expostos à adversidade.

Em vista disso, a pesquisa aqui apresentada propõe um estudo do Salmo 91. Essa oração bíblica, pois, traz diversos vocábulos que, geralmente, estão bem presentes em tempos de crise. Em especial, trata-se dos substantivos aqui traduzidos como “peste” (v. 6a: דֶּבֶר) e “epidemia” (v. 6b: מִדְּבָר). Estudar as cargas semânticas dessas duas palavras será uma das tarefas do presente estudo. Junto a isso, visa-se, sobretudo, às esperanças que o Salmo 91 formula diante dos perigos assim descritos.

A presente leitura do Salmo 91 foi feita no Brasil, país em que a sobrevivência de boa parte da população em tempos de *epidemia* e/ou *pandemia* se encontra ainda menos favorecida, sobretudo por razões econômicas. Em contrapartida, porém, justamente diante dessa limitação, as pessoas, em meio à crise, se abrem ainda mais à ideia de que procurar por “abrigo” e “refúgio” no SENHOR Deus (v. 2.9) é importante para sobreviver. Com isso, o Salmo 91, além de poema que promove uma reflexão teológica, torna-se uma proposta espiritual vivenciada no dia a dia, favorecendo o diálogo entre quem se sente ameaçado em sua sobrevivência e o SENHOR, Deus de Israel.

Todavia, em tempo de guerra, de *pandemia*, de fome ou de outros desastres, a humanidade está diante da tarefa de perguntar-se validamente sobre as esperanças que possam norteá-la rumo ao futuro.³ E isso vale para o contexto europeu, para a “perspectiva africana” ou para a leitura da vida em outros lugares.⁴ Nesse sentido, procura-se aqui pela reflexão teológica presente no Salmo 91, respeitando-se a configuração poética e o contexto histórico-cultural dessa oração bíblica.

Configuração poética

Eis uma tradução literal e segmentada do Salmo 91, *poema lírico* originalmente composto em hebraico:⁵

³ GAISER, Frederick J. “It shall not reach you”: Talisman or Vocation? Reading Psalm 91 in Time of War. *Word & World: Theology for Christian Ministry*, St. Paul, Minnesota, v. 25, n. 2, p. 191-202, 2005.

⁴ ADAMO, David Tuesday. Decolonizing Psalm 91 in an African Perspective with Special Reference to the Culture of the Yoruba People of Nigeria. *Old Testament Essays*, Pretoria, v. 25, n. 1, p. 9-26, 2012.

⁵ A título de introdução, todas as citações bíblicas neste estudo são tradução própria, tendo como fonte a edição crítica ELLIGER, Karl; RUDOLPH, Wilhelm (Eds.). *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

- v. 1a Quem se senta no esconderijo do Altíssimo
v. 1b pernoitará na sombra do Todo-Poderoso.
v. 2a “Digo ao SENHOR:
v. 2b Meu abrigo e meu refúgio,
v. 2c meu Deus, em quem confio!”
v. 3a De certo, ele te libertará da rede do caçador,
v. 3b do aguilhão de infortúnios.
v. 4a Com sua plumagem te cobrirá:
v. 4b debaixo de suas asas te abrigarás.
v. 4c Sua verdade é escudo e muralha:
v. 5a não temerás o susto da noite,
v. 5b nem a flecha que voa de dia,
v. 6a nem a peste que anda na escuridão,
v. 6b nem a epidemia que destrói ao meio-dia.
v. 7a Caíam mil a teu lado
v. 7b e dez mil à tua direita,
v. 7c nada te acometerá.
v. 8a Apenas contemplarás com teus olhos
v. 8b e verás a retribuição aos perversos.
v. 9a “De certo, tu, SENHOR, és meu abrigo!”
v. 9b Colocaste o Altíssimo como tua habitação.
v. 10a Nenhum mal te ocorrerá,
v. 10b nenhum golpe se aproximará de tua tenda.
v. 11a De certo, ordenará seus mensageiros a teu respeito,
v. 11b a fim de te guardar em todos os teus caminhos.
v. 12a Sobre as palmas das mãos te carregarão,
v. 12b para que teu pé não bata na pedra.
v. 13a Caminharás sobre leão e cobra,
v. 13b pisarás em leão jovem e monstro marinho.
v. 14a “Porque se apegou a mim, fã-lo-ei escapar.
v. 14b Torná-lo-ei inacessível, porque conhece meu nome.
v. 15a Clamará por mim, e lhe responderei.
v. 15b Eu estarei com ele na aflição.
v. 15c Livrá-lo-ei e o honrarei.
v. 16a Saciá-lo-ei com longos dias
v. 16b e fã-lo-ei ver minha salvação”.

Quais, no entanto, são os “recursos poéticos” empregados na composição do Salmo 91, sendo que “não são apenas um dado estético, mas desempenham uma impor-

tante função no processo comunicativo do salmo, isto é, no modo como a mensagem do salmo é transmitida, recebida, assimilada e aceita”⁶ Eles serão descritos a seguir.

Os discursos do aflito e do SENHOR

Três *discursos diretos* (v. 2a-c, 9a, 14a-16b) ganham destaque no poema. Quem discursa sempre adota a *primeira pessoa singular*. Logo no início do Salmo 91, no v. 2a-c, alguém *aflito* (cf. v. 15b) manifesta sua confiança no SENHOR Deus. Em cinco momentos, refere-se a si mesmo: ora por meio de *verbos flexionados* na primeira pessoa singular – cf. “digo” (v. 2a: דָּבַר) e “confio” (v. 2c: אֶמְצָא) –, ora por *sufixos pronominais* na primeira pessoa singular traduzidos aqui como pronomes possessivos – cf. “meu abrigo” (v. 2b: אֶבְרִי), “meu refúgio” (v. 2b: אֶמְצִיא) e “meu Deus” (v. 2c: אֱלֹהֵי).

Não se favorece aqui uma compreensão dos primeiros dois versetos do poema (v. 1a-b) como um *“acusativo adverbial*, o qual, no hebraico, não precisa de preposição”⁷, imaginando-se que o discurso direto abrangeria os v. 1-2: “(Como) quem se senta no esconderijo do Altíssimo (e) pernoita na sombra do Todo-Poderoso, digo ao SENHOR: ‘Meu abrigo e meu refúgio, meu Deus, em quem confio’”⁸. Em contrapartida, os dois versetos no v. 1 podem ser compreendidos como uma *“afirmação”* que, *“sem anúncio prévio, apresenta, no início, uma tese ou uma sentença, a qual, depois, de forma mais ou menos extensa, será abordada”*.⁹ Assim, a frase no v. 1a-b ganha até maior autonomia e destaque: “Quem se senta no esconderijo do Altíssimo pernoitará na sombra do Todo-Poderoso” (v. 1).

Voltando ao discurso direto no v. 2a-c, percebe-se que o aflito, em sua primeira fala no Salmo 91, se dirige a outra pessoa ou a um grupo de pessoas. Ele fala sobre o “SENHOR” (v. 2a) e sobre “Deus” (v. 2c), ainda sem se dirigir diretamente a este último. Com isso ocorre também o uso do sufixo pronominal da *terceira pessoa singular*, sendo que o aflito afirma “confiar nele” ou Deus ser aquele “em quem confia” (v. 2c: בּוֹ). Finalmente, observa-se aqui em relação ao texto hebraico que o discurso direto no v. 2a-c é composto por exatamente sete palavras. O *número sete*, desde a primeira narrativa bíblica sobre a semana da criação (Gn 1.1 – 2.4a), ganha conotações simbólicas, entendendo-se que algo se completa num período subdividido em sete espaços, servindo, assim, como *elemento estilístico* à configuração poética de muitos textos literários.

⁶ SILVA, Cássio Murilo Dias da. Poética hebraica e bíblica: o básico e algo mais. In: KLERING, José Romaldo (Org.). *Bíblia: texto, pré-texto, con-texto*. Porto Alegre: Fi, 2014. p. 66.

⁷ ERNST, Alexander B. *Kurze Grammatik des Biblischen Hebräisch*. 3. ed. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 2013. p. 158.

⁸ Tal proposta é feita por Erich ZENGER (Psalm 91. In: HOSSFELD, Frank-Lothar; ZENGER, Erich. *Psalmen 51–100*. 2. ed. Freiburg: Herder, 2000. p. 615-617) e Claudia STICHER, a qual afirma que “o participio” no v. 1a “já pode referir-se a quem se pronuncia no próximo versículo” (*Die Rettung der Guten durch Gott und die Selbstzerstörung der Bösen*. Berlin: Philo, 2002. p. 210). Todavia, a ausência de uma conjunção no início do v. 1b e o verbo flexionado no final do v. 1b, sendo que v. 1a apresenta o sujeito e v. 1b, o predicado da frase, dificultam a compreensão de que v. 1 faça parte do discurso direto no v. 2.

⁹ SEYBOLD, Klaus. *Poetik der Psalmen*. Stuttgart: Kohlhammer, 2003. p. 281.

Após ter-se pronunciado no v. 2a-c, logo no início do poema, o aflito apresenta um *segundo discurso direto* no centro do poema (v. 3-13). Como anteriormente, usa a primeira pessoa singular para referir-se a si mesmo. No caso, repete um dos vocábulos significativos do primeiro pronunciamento e lhe acrescenta, outra vez, o *sufixo pronominal da primeira pessoa singular*, traduzido aqui como pronome possessivo: cf. “meu abrigo” (v. 2b,9a: מִקְוֵי). No entanto, em vez de falar sobre o “SENHOR”, como o fez em seu primeiro discurso (v. 2a-c), o aflito se dirige agora, no centro do poema, diretamente a este último, fazendo uso do *pronome pessoal reto da segunda pessoa singular*: cf. a presença do “tu” (v. 9a: תָּהָא). Tal *mudança na direção do discurso direto* é significativa. Quem se pronuncia aqui, pois, passa de seu discurso sobre Deus para seu discurso a Deus: “De certo, tu, SENHOR, és meu abrigo!” (v. 9a). A frase, por sua vez, é mais curta. Em hebraico, em vez de sete palavras como no primeiro discurso direto (v. 2a-c), figuram agora quatro palavras (v. 9a). Contudo, também este último número serve como elemento estilístico na poesia hebraica: por trazer à memória os quatro pontos cardeais ou as quatro estações, também lhe cabe a conotação da completude.

O terceiro *discurso direto* se encontra, de forma marcante, no final da oração poética (v. 14-16). Agora é o SENHOR Deus quem fala, ou melhor, “responde” (v. 15a). Doze vezes – outro número que serve como elemento estilístico – ele se refere, de forma direta, a si mesmo por meio do uso da *primeira pessoa singular*. Sete verbos são flexionados na primeira pessoa do singular: “fá-lo-ei escapar” (v. 14a: וְאַפְקִיטֶהוּ), “torná-lo-ei inacessível” (v. 14b: וְאַשְׁגִּבְהוּ), “lhe responderei” (v. 15a: וְאַעֲנֶהוּ), “livrá-lo-ei” (v. 15c: וְאַחֲלֶהוּ), “honrá-lo-ei” (v. 15c: וְאַכְבֹּדֶהוּ), “saciá-lo-ei” (v. 16a: וְאַשְׂבִּיעֶהוּ) e “fá-lo-ei ver” (v. 16b: וְאַרְאֶהוּ). Vale explicar aqui que no v. 15b (cf. também v. 4c,9a) não há nenhum verbo em hebraico, uma vez que *frases nominais* não exigem a presença do verbo de ligação. Além disso, há quatro *sufixos pronominais* da primeira pessoa singular, traduzidos como pronomes possessivos ou pronomes pessoais oblíquos: cf. “a mim” (v. 14a: כִּי), “meu nome” (v. 14b: שְׁמִי), “clamara por mim” (v. 15a: יִקְרָאֵנִי) e “minha salvação” (v. 16b: בְּיִשׁוּעָתִי). Além disso, destaca-se, sobremaneira, o *pronome pessoal reto* da primeira pessoa singular traduzido como “eu” (v. 15b: אֲנִי). Mais ainda, caso se contemple as cargas semânticas dos vocábulos “nome” (v. 14b: שֵׁם) e “salvação” (v. 16b: יְשׁוּעָה) no sentido de por meio deles ocorrer uma indicação do SENHOR, Deus de Israel, as referências a este último aumentam de 12 para 14, que é duas vezes sete.

A voz de quem se dirige ao aflito

Além da *voz do aflito* (v. 2a-b,9a) e da *voz do SENHOR* (v. 14a-16b), o ouvinte-leitor do Salmo 91 percebe uma *terceira voz*. Essa, em praticamente toda a parte central do poema (v. 3a-8b,9b-13b), dirige-se, por meio do uso da *segunda pessoa singular*, a quem, em meio à sua aflição, se propõe a confiar em Deus. Somente existe uma oração, apresentada como frase nominal, sem referência direta ao aflito (v. 4c), sendo que nela, semelhantemente à sentença inicial (v. 1), ocorre uma afirmação mais genérica a respeito do SENHOR. As demais frases pronunciadas pela *voz anônima* trazem 21 (três vezes sete) referências ao aflito, o interlocutor dela: ora por meio dos

sete verbos flexionados na *segunda pessoa singular* – cf. “te abrigarás” (v. 4b: תִּתְחַסֵּה), “temerás” (v. 5a: תִּירָא), “contemplarás” (v. 8a: תִּבְיֵט), “verás” (v. 8b: תִּרְאֶה), “colocaste” (v. 9b: שָׂמִיתָ), “caminharás” (v. 13a: תִּדְרֹךְ) e “pisarás” (v. 13b: תִּרְמֹס) –, ora via as 14 (duas vezes sete) presenças do *sufixo pronominal* da *segunda pessoa singular* que em hebraico é acrescentado a verbos, preposições e substantivos, e traduzido aqui com pronomes pessoais oblíquos ou pronomes possessivos – cf. “te libertará” (v. 3a: יִצְיִלְךָ), “te cobrirá” (v. 4a: יִסְוֶךָ), “a teu lado” (v. 7a: מִצְדָּךְ), “à tua direita” (v. 7b: מִיְמִינֶךָ), “nada te acometerá” (v. 7c: שֵׁשׁ יִגֵּשׁ לְךָ), “com teus olhos” (v. 8: בְּעֵינֶיךָ), “tua habitação” (v. 9b: מְעוֹנֶךָ), “não te ocorrerá” (v. 10a: לֹא תִּתְאַקֶּה אֲלֵיךָ), “de tua tenda” (v. 10b: בְּאֹהֶלְךָ), “ordenará a teu respeito” (v. 11a: יִצְוֶה-לְךָ), “a fim de te guardar” (v. 11b: לְשִׁמְרֶךָ), “teus caminhos” (v. 11b: דְּרֹכֶיךָ), “te carregarão” (v. 12a: יִשְׂאוּנֶךָ) e “teu pé” (v. 12b: רִגְלֶךָ).

Ao iniciar suas palavras, a voz anônima emprega, logo após a partícula enfática traduzida como “de certo” (v. 3a: כִּי), o pronome reto “ele” (v. 3a: הוּא). Com isso, dirige-se ao aflito para falar-lhe, de forma marcante, sobre o SENHOR, referindo-se a este último pelo uso da *terceira pessoa singular*. Tal perspectiva é mantida com os verbos flexionados na terceira pessoa singular – cf. “te libertará” (v. 3a: יִצְיִלְךָ), “cobrirá” (v. 4a: יִסְוֶךָ) e “ordenará” (v. 11a: יִצְוֶה) – e com os sufixos pronominais da terceira pessoa singular – cf. “sua plumagem” (v. 4^a: אֲבִרְתּוֹ), “suas asas” (v. 4b: כְּנָפָיו), “sua verdade” (v. 4c: אֱמֶתוֹ) e “seus mensageiros” (v. 11a: מְלִאֲכָיו) –, além de referir-se a Deus por meio do epíteto “Altíssimo” (v. 9b: יְצֻיּוֹן), logo no início da segunda parte do discurso pertencente à voz anônima. Nesse contexto, também é interessante observar o paralelismo que nasce da presença dos três *pronomes pessoais retos* no Salmo 91: cf. “ele” (v. 3a: הוּא), “tu” (v. 9a: אַתָּה) e “eu” (v. 15b: אֲנִי).

No mais, outros *paralelismos* e/ou “crescentes universos de imagens” favorecem subdivisões no discurso pertencente à voz anônima (v. 3a-8b,9b-13b), com o resultado de surgirem *estrofes* ou unidades literárias.¹⁰ Na primeira delas (v. 3a-4b), ocorrem as menções da “rede do caçador” (v. 3a: פֶּה יְקוּשׁ), do “agulhão” (v. 3b: דְּבַר), outro instrumento de caça, da “plumagem” (v. 4a: אֲבִרָה) e das “asas” (v. 4b: כְּנָפִים). Essas quatro imagens pertencem ao mundo dos pássaros. De um lado, visa-se à caça deles (v. 3a-b). Do outro, à possibilidade de o pássaro-mãe oferecer proteção a seus filhotes (v. 4a-b).

A segunda estrofe (v. 4c-6b), após afirmar, com uma frase nominal, que a “verdade” de Deus oferece proteção ao ser humano como um “escudo” (v. 4c: צָנָה) ou uma “muralha” (v. 4c: סִתְרָה) num conflito armado, nasce, de um lado, a partir de um paralelismo formado por quatro referências temporais: “da noite” (v. 5a: לַיְלֵהָ), “de dia” (v. 5b: יוֹמָם), “na escuridão” (v. 6a: בְּאֶפְלַל) e “ao meio-dia” (v. 6b: צֶהְרִים). Também estão presentes quatro desastres dos quais o aflito não precisa “ter temor”, sendo que, no texto hebraico, a mesma preposição é prefixada aos quatro substantivos: cf. “do susto” (v. 5a: מִפְּחָד); “da flecha” (v. 5b: מִחֶץ), “da peste” (v. 6a: מִדְּבַר) e “da epidemia” (v. 6b: מִקָּטָב).

¹⁰ ZENGER, Erich. *Dein Angesicht suche ich: Neue Psalmenauslegungen*. Freiburg: Herder, 1998. p. 137.

A terceira estrofe (v. 7-8b) é marcada por um *contraste*: de um lado, há os “mil” (v. 7a: מֵאָלֶפֶס) e “dez mil” (v. 7b: עֶשְׂרֵי אֲלָפִים) que, vistos como “perversos” (v. 8b), “caem” (v. 7a); do outro, o aflito a quem é dito: “nada te acometerá” (v. 7c), “apenas contemplarás” (v. 8a) e “verás” (v. 8b). “A imagem é do mundo da guerra”, na qual alguém “pressionado e perseguido por inúmeros inimigos, contra todas as expectativas, é salvo”¹¹.

Na quarta estrofe (v. 9b-10b), quando a voz anônima retoma a palavra após o curto discurso direto do aflito no v. 9a, nascem paralelismos a partir dos dois espaços mencionados – cf. a “habitação” (v. 9b: מְעוֹן) e a “tenda” (v. 10b: אֹהֶל) – e a partir de novas alusões aos perigos, desta vez com os vocábulos traduzidos como “o mal” (v. 10a: רָעָה) e “golpe” (v. 10b: נֶגֶף).

A quinta estrofe (v. 11a-13b) “estende” o espaço “do domicílio a ‘todos os caminhos’” (v. 11b: בְּכָל-דֶּרֶךְ יָמִים), continuando a descrição dos perigos via as metáforas da “pedra” (v. 12b: אֶבֶן), do “leão” (v. 13a: שֵׁל), da “cobra” (v. 13a: עֲרֵב), do “leão jovem” (v. 13b: בְּפִיר) e do “monstro marinho” (v. 13b: תַּיִן).¹²

O conjunto

Poeticamente configurado, o Salmo 91 transmite a impressão de ser uma arte literária em que as palavras, de forma bonita, ocupam os espaços criados para elas, encaixando-se de modo surpreendente. Quer dizer, existe um planejamento referente à ordem dos elementos. Dessa forma o ritmo e a melodia do poema começam a gerar um conforto no ouvinte-leitor. Ou seja, o *aflito*, em meio às suas angústias, recebe assim um primeiro benefício.

Quando, à colocação poética das palavras, se juntam as cargas semânticas delas, o conforto aumenta. De certo, existem perigos. E a lista das metáforas para descrevê-los é comprida: “a rede do caçador” (v. 3a), “o aguilhão dos infelizes” (v. 3b), “o susto” (v. 5a), “a flecha” (v. 5b), “a peste” (v. 6a), “a epidemia” (v. 6b), “mil e dez mil caídos” (v. 7a-b), “o mal” (v. 10a), “o golpe” (v. 10b), “a pedra” (v. 12b), “o leão” (v. 13a), “a cobra” (v. 13a), “o leão jovem” (v. 13b) e até “o monstro marinho” (v. 13b). A essa lista, no entanto, é oposta outra lista de vocábulos que, de forma metafórica ou não, insistem nas características protetoras do “SENHOR” (v. 2a,9a: יהוה), sendo que esse também é referido como “Deus” (v. 2c: אֱלֹהִים), o “Altíssimo” (v. 1a,9b: עֶלְיוֹן) e o “Todo-Poderoso” (v. 1b: שֶׁדַי). Diz-se, pois, que esse Deus é “esconderijo” (v. 1a: סִתְּרָה, “sombra” (v. 1b: צֶל), “abrigo” (v. 2b: מְחֻסָּה), “refúgio” (v. 2b: מְצֻדָּה), “plumagem” (v. 4a: אֶבְרָתָהּ), “asas” (v. 4b: כַּנְּפַיִם), “escudo” (v. 4c: צָנֶה), “muralha” (v. 4c: סִחְרָה), novamente “abrigo” (v. 9a: מְחֻסָּה) e “habitação” (v. 9b: מְעוֹן). Além disso, pertencem-lhe sua “verdade” (v. 4c: אֱמֶת), seus “mensageiros” (v. 11a: מַלְאָכָיִם), seu “nome” (v. 14b: שֵׁם), e a “salvação” (v. 16b: יִשׁוּעָה), sendo que o poema culmina nesse último vocábulo. Todos esses substantivos são apresentados em conexão com Deus:

¹¹ ZENGER, 1998, p. 138.

¹² ZENGER, 1998, p. 138.

ora por meio de *suffixos pronominais* traduzidos como pronomes pessoais oblíquos ou pronomes possessivos (v. 2b^{2x}, 4a,b,c, 9a, 11a, 14b, 16b), ora por estarem no *estado construto* esperando por sua definição pelo substantivo a seguir no *estado absoluto*, fenômeno linguístico traduzido para o português pela preposição “de” (v. 1a,b), ora por trazerem o *sujeito-predicado* ao sujeito que indica Deus (v. 4c^{2x}), ora por introduzir, de forma direta, uma *comparação*, a qual, em hebraico, pode ser apresentada sem uso da preposição comparativa (v. 9b). Além disso, os substantivos que descrevem as características do SENHOR em relação ao aflito são 14, número que, como múltiplo de sete, funciona como elemento estilístico. Mais ainda, “a proteção divina e a ação de ajuda por parte de Deus são atribuídas ao fazer deste último, enquanto não é dito diretamente de onde vêm os perigos e, também, a retribuição que alcançará os perversos”¹³. Quer dizer, poeticamente, insiste-se numa *causalidade* quando se prevê a presença auxiliar do SENHOR favorável ao “aflito” (v. 15b). O mesmo, porém, não ocorre quando se imagina o fim dos “perversos” (v. 8b).

Enfim, como oração, o Salmo 91 insiste na arte de dialogar. No mínimo, três vozes se alternam: a do aflito (v. 2a-c, 9a), a de quem fala ao aflito (v. 3a-8b, 9b-13b) – talvez v. 1a-b pertença também a essa voz – e a do SENHOR Deus (v. 14a-16b), sendo que a esta última cabem as palavras finais. Tal sequência de discursos é poeticamente planejada e, por isso, significativa.

Reflexão teológica

Entre os diversos perigos mencionados no Salmo 91, causadores de “aflição” (v. 15b) ao ser humano, figuram a “peste” (v. 6a: *דֶּבֶר*), no sentido de *pestilência*, e a “epidemia” (v. 6b: *מִדְּבַר*). Aparentemente, os dois vocábulos hebraicos visam a males contagiosos com “extensões epidêmicas”, e não a patologias específicas.¹⁴ Fala-se sobre doenças, sendo que, na Bíblia, as enfermidades não são vistas de forma neutra ou abstrata, no sentido de se tratar de uma “falta temporária da capacidade de trabalho e de desempenho”, mas, dentro da visão religiosa do antigo Israel, vê-se nas enfermidades uma “perturbação ampla da interação social”, do “status”, da “integridade da vida humana” e da “ordem correspondente à criação e inerentemente boa”¹⁵. Quer dizer, “em princípio, existe uma conexão estreita entre doença, respectivamente cura, e a fé no Senhor, Deus de Israel”¹⁶. Ou, com outras palavras, “a experiência de doença e cura ocorre no contexto geral de lidar religiosamente com a existência”¹⁷. O que, por

¹³ STICHER, 2002, p. 217.

¹⁴ FREY-ANTHES, Henrike. Krankheit und Heilung. In: *Das wissenschaftliche Bibellexikon im Internet* (WiBiLex), 2007, p. 9.

¹⁵ FREVEL, Christian. Krankheit/Heilung. In: BERLEJUNG, Angelika; FREVEL, Christian (Orgs.). *Handbuch theologischer Grundbegriffe zum Alten und Neuen Testament*. 5. ed. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2016. p. 301.

¹⁶ RUWE, Andreas; STARNITZKE, Dierk. Krankheit/Heilung. In: CRÜSEMANN, Frank et al. (Orgs.). *Sozialgeschichtliches Wörterbuch zur Bibel*. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 2009. p. 315.

¹⁷ JANOWSKI, Bernd. *Konfliktgespräche mit Gott: Eine Anthropologie der Psalmen*. 2. ed. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 2006. p. 177.

sua vez, propõe-se de reflexão quando a Bíblia hebraica e, em especial, o Salmo 91 mencionam *peste* e *epidemia*?

Peste ou pestilência

O vocábulo comumente traduzido como “peste” ou “pestilência” (v. 6a: דָּבָר) aparece 48 vezes na Bíblia hebraica.¹⁸ Em nenhum momento ocorre uma descrição do quadro clínico da doença. Por isso “não é possível identificar a enfermidade com precisão”¹⁹. No entanto, transmite-se a ideia de que o mal contagioso, em pouco tempo, provoca grande mortandade. Podem ser “setenta mil homens” (2Sm 24.15; 1Cr 21.14) em “três dias” (2Sm 24.13; 1Cr 21.12), e isso num espaço limitado como o “de Dã até Bersabeia” (2Sm 24.15). Ou “um terço” dos moradores da cidade de Jerusalém (Ez 5.12). E, além dos seres humanos, a peste pode atingir os animais. Narra-se, ao apresentar a quinta praga sofrida pelos egípcios, “uma peste muito pesada sobre os cavalos, sobre os jumentos, sobre os camelos, sobre o gado grande e sobre o gado pequeno” (Êx 9.3), sendo que essa antecipa o que, depois, acontece com os primogênitos humanos (cf. também Jr 21.6).

Não há lugar que a *peste* não atinja. A doença epidêmica grave vai ao encontro dos que “se reúnem” ou “moram nas cidades”, inclusive em “Jerusalém” (Lv 26.25; Jr 21.6,9; 32.24,36; 38.2; Ez 5.12,17; 7.15; 14.21), mas também se estende à “terra” (2Cr 6.28; Ez 14.19), “aos montes de Israel” (Ez 6.11), ao “solo” (Dt 28.21), ou seja, ao “território inteiro de Israel” (1Cr 21.12,14). Mesmo aqueles que se escondem numa “fortaleza” ou “caverna” (Ez 33.27), que “migram para assentar-se no Egito” (Jr 42.17,22; 44.13) ou estão, de alguma forma, “distantes” (Ez 6.12) não escapam desse mal funesto. A calamidade está ali, “do lado de fora”, ou seja, “no beco” (Ez 28.23), ou “dentro de casa” (Ez 7.15).

E a *peste* contamina todos, independentemente da posição que alguém ocupa na sociedade: ora é “Sedecias, o rei de Judá”, ora são os “príncipes” e os “servos dele”, ora é o “povo” ou o “habitante” que ainda “resta” (Jr 21.7,9; 24.8-10; 27.13; 29.16-18). E, se “restarem” alguns, então será para que eles “contem” o que aconteceu (Ez 12.16). Junto a isso, surpreende também que, na Bíblia hebraica, embora qualquer “nação” ou “reino” possa ser atingido pela peste (Jr 27.8,13; 28.8), inclusive o “Egito” (Êx 9.3,15; Am 4.10; Sl 78.50), Sidônia (Ez 28.23) ou “Gog” (Ez 38.22), a grande maioria dos textos que trazem o vocábulo *peste* visa ao “povo” do Senhor, Deus de Israel (Êx 5.3; Nm 14.12; Jr 34.17; Os 13.14; 2Cr 7.13). Com isso, no entanto, tam-

¹⁸ O substantivo hebraico presente no v. 3b (דָּבָר), formado a partir das mesmas três consoantes e vocalizado igualmente, é compreendido aqui como palavra diferente. Quer dizer, distingue-se entre o vocábulo “peste” ou “pestilência” (דָּבָר I) e “agulhão”, “ponta” ou “espinho” (דָּבָר II), sendo que este último se limita à sua única presença em Salmo 91.3. Também gera dúvida a identificação desse vocábulo em Oseias 13.14 (cf. LISOWSKY, Gerhard. *Konkordanz zum Hebräischen Alten Testament*. 2. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1981. p. 355).

¹⁹ MAYER, Günter. דָּבָר debher. In: BOTTERWECK, Gerhard Johannes; RINGGREN, Helmer. *Theological Dictionary of the Old Testament*. Stuttgart: Kohlhammer, 1997. v. 3, p. 126.

bém se cultiva a fé de que, de um lado, “os profetas profetizam em relação à guerra, ao mal e à peste” (Jr 28.8) e, portanto, existe a oportunidade de promover mudanças a fim de evitar a calamidade. Do outro lado, ao haver uma *peste*, cultiva-se a esperança de que “toda oração e toda súplica, por parte de qualquer ser humano e por parte do povo de Israel, sendo que cada um conhece a enfermidade de seu coração e estica as palmas de sua mão em direção à casa” de Deus, sejam “ouvidas, havendo perdão nos céus” (1Rs 8.37-39; 2Cr 6.28-30; 20.9).

Isso, por sua vez, remete o ouvinte-leitor mais do que nunca à questão teológica. Vale em vista da *peste* que, na Bíblia hebraica, “não é possível comprovar um uso profano da palavra”, mas a calamidade “é sempre enviada por Deus”²⁰. Ou seja, “em vista da desobediência” do ser humano, “a pestilência é sempre uma punição divinamente emitida”²¹. Assim, o profeta Habacuque anuncia em relação a Deus que, no momento da vinda dele, “a peste caminha diante de sua face” e que, “dos seus pés, sai febre” (Hc 3.5). E o cronista contempla a “peste na terra” como “espada do SENHOR” (1Cr 21.12), sendo este último quem “dá” o dano funesto “a Israel” (1Cr 21.14).

Enfim, dentro da fé monoteísta, toda história e, com isso, todas as experiências humanas pertencem a Deus. Isso vale também para a “peste que anda na escuridão” (v. 6a), ou seja, para uma doença contagiosa que sequer pode ser vista quando se aproxima. Faça tal calamidade sentido, seja ela irracional, veja-se nela algo justo, no sentido de se tratar de uma consequência do comportamento da humanidade ou não, fato é que tanto a experiência de fraqueza e de impotência que aflige o ser humano quanto “o tempo de quarentena” como “momento propício para meditação” levam as pessoas a sentirem-se “instados a penetrar nos recantos mais escondidos da vida” e “rever mentalmente pessoas e fatos”, inclusive a presença de Deus.²² Não é diferente para quem reza no Salmo 91. Qual é, por sua vez, a esperança que essa oração bíblica formula?

Epidemia

Antes de descrever as prováveis esperanças de quem reza no Salmo 91, é preciso estudar ainda o vocábulo traduzido aqui como “epidemia” (v. 6b: *קָטָב*), uma vez que ele, junto com a palavra “peste” (v. 6a: *דָּבָר*), estabelece um paralelismo. É um substantivo pouco presente na Bíblia hebraica, aparecendo apenas quatro vezes (Dt 32.24; Is 28.2; Os 13.14; Sl 91.6). Isso dificulta também a definição mais exata de sua carga semântica.

O mesmo paralelismo presente em Salmo 91.6, aparentemente, também marca o discurso em Oseias 13.14: “Onde está tua peste/teu aguilhão (*דָּבָר*), ó morte, onde está tua epidemia (*קָטָב*), ó abismo?”. Em Deuteronômio 32.24, observa-se outro paralelismo significativo para a compreensão do substantivo em questão, quando Moisés visa ao destino da assembleia corrompida de Israel: “magros de fome (*רָעָב*),

²⁰ FREY-ANTHES, 2007, p. 9.

²¹ MAYER, 1997, p. 126.

²² ALTEMEYER Junior, Fernando. O silêncio de Deus no grito das vítimas. In: PASSOS, João Décio (Org.). *A pandemia do coronavírus: Onde estivemos? Para onde vamos?* São Paulo: Paulinas, 2020. p. 213.

combatidos por febre (רָשַׁף) e epidemia (קָטָה) amarga”. No caso, o vocábulo traduzido como “febre” (cf. רָשַׁף), presente em Deuteronômio 32.24; Habacuque 3.5; Salmo 76.4; 78.48; Jó 5.7; Cantares 8.6^{2x}; 1 Crônicas 7.25, pode ser compreendido também como “raio”, “labareda”, “centelha” ou “chama”, no sentido de algo que “arde” ou “acende” (cf. a raiz verbal רָשַׁף em Eclo 16.6). Aliás, em Habacuque 3.5, observa-se o paralelismo de “peste” (רָבָה) e “febre” (רָשַׁף). Em Isaías 28.2, por sua vez, fala-se do “horror” (שָׁעַר I) ou da “tempestade” (שָׁעַר II) de uma “febre” (קָטָה).

Além desses paralelismos, a frase formulada no Salmo 91 ajuda na compreensão da provável carga semântica do substantivo em questão: “a epidemia (קָטָה) que destrói ao meio-dia” (v. 6b). O verbo “destruir” (שָׁדַד) indica a força e o poder que pertencem a esse mal. Não é possível defender-se contra ele nem na luz abundante do meio-dia. Mais ainda, a raiz verbal alude a Deus, contemplado como “Todo-Poderoso” ou “Shadai” (cf. v. 1b: שָׁדַי). Portanto, como no caso do vocábulo traduzido como “peste” ou “pestilência” (v. 6a: רָבָה), é provável que também a palavra traduzida como “epidemia” (v. 6b: קָטָה) se refira a uma enfermidade contagiosa capaz de levar as pessoas à morte.

Considerações finais

A investigação aqui apresentada limita-se ao Salmo 91. Como poema lírico originalmente composto em hebraico, o texto goza de uniformidade literária e de autonomia. Isso, porém, não significa que ele exista de forma isolada. Pelo contrário, há conexões entre o Salmo 91 e os poemas imediatamente vizinhos (SI 90 e SI 92), entre o Salmo 91 e os poemas que formam o quarto livro dos Salmos (SI 90 – 106), entre o Salmo 91 e os demais livros sapienciais e, como visto ao estudar os vocábulos “peste” (v. 6a) e “epidemia” (v. 6b), entre o Salmo 91 e demais escritos na Bíblia hebraica.²³ Além disso, visou-se nesta pesquisa, de forma específica, ao modo como o Salmo 91, oração poeticamente configurada, lida com as realidades de “peste/pestilência” (v. 6a) e “epidemia” (v. 6b), as quais, ao se aproximarem da pessoa, provocam “aflição” (v. 15b).

O Salmo 91 dirige seu olhar a alguém que enfrenta adversidades em sua vida. Há “quem o caça” (v. 3a: שָׁרֵף). Ao seu redor se encontram “perversos” (v. 8b: שָׁרֵפִים), ora “mil”, ora “dez mil” (v. 7a-b). Ele precisa enfrentar “rede” (v. 3a), “agulhão” (v. 3b), “susto” (v. 5a), “flecha” (v. 5b), “mal” (v. 10a), “golpe” (v. 10b), “pedra” (v. 12b), “leão” (v. 13a), “cobra” (v. 13a), “leão jovem” (v. 13b) e “monstro marinho” (v. 13b). E, com tudo isso, também há “peste” (v. 6a) e “epidemia” (v. 6b). Pode-se tratar, em parte ou no todo, de imagens para realidades que, “outrora, foram

²³ Cf. BOWEN, Phil J. Psalm 91 and its Wisdom Connections. *Old Testament Essays*, Pretoria, v. 25, n. 2, p. 260-276, 2012; LUGT, Pieter van der. His Faithfulness is from Generation to Generation (Ps 100:5c): The Coherence of the Eleven Compositions Psalms 90-100. *Old Testament Essays*, Pretoria, v. 32, n. 2, p. 606-635, 2019; KOENEN, Klaus. *Jahwe wird kommen, zu herrschen über die Erde: Ps 90–110 als Komposition*. Weinheim: Beltz Athenäum, 1995. p. 52-56; GRENZER, Matthias. Erva, bovino selvagem, tamareira e cedro: ecoespiritualidade no Salmo 92. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 64, p. 66-86, 2020.

compreendidas como forças demoníacas, mas que, agora desmitificadas, são as várias dores e terrores deste mundo, inclusive a opressão política no exílio”²⁴. Não se discute no Salmo 91 a origem desses males funestos. Todavia, no que se refere à *peste* e à *epidemia*, como visto acima, tais realidades não são afastadas de Deus nos textos pertencentes à Bíblia hebraica. Pelo contrário, em geral, são compreendidas como mensagem e/ou apelo por parte do Senhor, Deus de Israel.

Diante desse horizonte, por sua vez, o Salmo 91 formula uma esperança concreta. Quem se propõe a “confiar em Deus” (v. 2c), buscando este como “esconderijo” (v. 1a), “sombra” (v. 1b), “abrigo” (v. 2b,9a), “refúgio” (v. 2b), “plumagem” (v. 4a), “asas” (v. 4b), “escudo” (v. 4c), muralha” (v. 4c) e “habitação” (v. 9b), “(re)conhecendo o nome” dele (v. 14b), poderá “ver a salvação” (v. 16b). Mais ainda, é um “apego” (v. 14a) que permite ao fiel ficar “sem temor” (v. 5a), até da “peste” (v. 6a) e da “epidemia” (v. 6b). Embora ele presencie tais terrores mortais, devem ser-lhe apenas motivo para enxergar duas realidades: de um lado, é para “ver” que os “perversos”, de forma definitiva, não imporão sua vontade, mas que o crime, em princípio, gera seus “tributos” (v. 8b); de outro lado, é para “ver” e experimentar, mesmo em tempos de *peste* e *epidemia*, que o Senhor está disposto a “salvar” (v. 16b), sendo que tal salvação inclui a tarefa de tornar-se corresponsável e de acolher favoravelmente o modelo de fé e comportamento proposto por Deus a seu povo. Toda a oração do Salmo 91, com a reflexão teológica que lhe é inerente, culmina nesse pensamento. Trata-se de uma esperança triplamente anunciada: ora por quem se sente “afrito” (v. 2.9a), ora por quem dirige suas palavras a este último (v. 1.3-8,9b-13b), ora por Deus, quando se dedica, com sua palavra, ao futuro do aflito (v. 14-16).

Referências

- ADAMO, David Tuesday. Decolonizing Psalm 91 in an African Perspective with Special Reference to the Culture of the Yoruba People of Nigeria. *Old Testament Essays*, Pretoria, v. 25, n. 1, p. 9-26, 2012.
- ALTEMEYER Junior, Fernando. O silêncio de Deus no grito das vítimas. In: PASSOS, João Décio (Org.). *A pandemia do coronavírus: Onde estivemos? Para onde vamos?* São Paulo: Paulinas, 2020.
- BOTHA, Phil J. Psalm 91 and its Wisdom Connections. *Old Testament Essays*, Pretoria, v. 25, n. 2, p. 260-276, 2012.
- ELLIGER, Karl; RUDOLPH, Wilhelm (Eds.). *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.
- ERNST, Alexander B. *Kurze Grammatik des Biblischen Hebräisch*. 3. ed. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 2013.
- FREY-ANTHES, Henrike. Krankheit und Heilung. In: *Das wissenschaftliche Bibellexikon im Internet (WiBiLex)*, 2007, p. 1-25. Disponível em: <<http://www.bibelwissenschaft.de/stichwort/24036/>>.

²⁴ GAISER, 2005, p. 197.

- FREVEL, Christian. Krankheit/Heilung. In: BERLEJUNG, Angelika; FREVEL, Christian (Orgs.). *Handbuch theologischer Grundbegriffe zum Alten und Neuen Testament*. 5. ed. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2016. p. 301-305.
- GAISER, Frederick J. “It shall not reach you”: Talisman or Vocation? Reading Psalm 91 in Time of War. *Word & World: Theology for Christian Ministry*, St. Paul, Minnesota, v. 25, n. 2, p. 191-202, 2005.
- GRENZER, Matthias. Erva, bovino selvagem, tamareira e cedro: ecoespiritualidade no Salmo 92. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 64, p. 66-86, 2020.
- JANOWSKI, Bernd. *Konfliktgespräche mit Gott: Eine Anthropologie der Psalmen*. 2. ed. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 2006.
- KOENEN, Klaus. *Jahwe wird kommen, zu herrschen über die Erde: Ps 90–110 als Komposition*. Weinheim: Beltz Athenäum, 1995. p. 52-56.
- LISOWSKY, Gerhard. *Konkordanz zum Hebräischen Alten Testament*. 2. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1981.
- LUGT, Pieter van der. His Faithfulness is from Generation to Generation (Ps 100:5c): The Coherence of the Eleven Compositions Psalms 90-100. *Old Testament Essays*, Pretoria, v. 32, n. 2, p. 606-635, 2019.
- MAYER, Günter. דָּבָר debher. In: BOTTERWECK, Gerhard Johannes; RINGGREN, Helmer. *Theological Dictionary of the Old Testament*. Stuttgart: Kohlhammer, 1997. v. 3, p. 125-127.
- RUWE, Andreas; STARNITZKE, Dierk. Krankheit/Heilung. In: CRÜSEMANN, Frank et al. (Orgs.). *Sozialgeschichtliches Wörterbuch zur Bibel*. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 2009. p. 315-320.
- SEYBOLD, Klaus. *Poetik der Psalmen*. Stuttgart: Kohlhammer, 2003.
- SILVA, Cássio Murilo Dias da. Poética hebraica e bíblica: o básico e algo mais. In: KLERING, José Romaldo (Org.). *Bíblia: texto, pré-texto, con-texto*. Porto Alegre: Fi, 2014. p. 53-68.
- STICHER, Claudia. *Die Rettung der Guten durch Gott und die Selbsterstörung der Bösen*. Berlin: Philo, 2002. p. 210-224.
- ZENGER, Erich. *Dein Angesicht suche ich: Neue Psalmenauslegungen*. Freiburg: Herder, 1998. p. 133-142.
- ZENGER, Erich. Psalm 91. In: HOSSFELD, Frank-Lothar; ZENGER, Erich. *Psalmen 51–100*. 2. ed. Freiburg: Herder, 2000. p. 615-626.